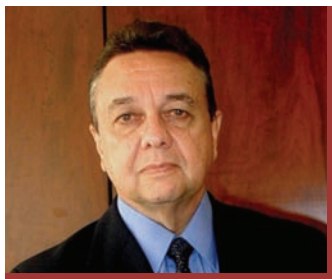


Diário de bordo

O salto do PIB



Roberto Rodrigues*

O PIB brasileiro saltou de 2,33 trilhões de reais em 2006 para 2,6 trilhões em 2007, um crescimento de 5,4%.

Todos festejam esses números, atribuindo-os a dois fatores fundamentais: os investimentos e a demanda doméstica.

A demanda interna foi puxada pelo consumo das famílias, que cresceu 6,5% sobre 2006, empurrado pelo aumento da massa salarial, que, embora de apenas 3,6%, fez o PIB *per capita* aumentar 4% em termos reais, atingindo o valor de R\$ 13.515,00. Este é um dado muito positivo, apesar da já conhecida má distribuição da renda, que também vem sendo combatida pelos programas sociais dos governos.

Outro elemento determinante para o aumento do consumo das famílias foi o crédito para pessoa física, com uma alta de 28,8% sobre o ano anterior. Somado aos maiores salários e ao crescimento de 20,3% nas importações, fica explicada a demanda.

Quanto aos investimentos, cresceram 13,4%, os maiores dos últimos 12 anos.

Para o governo isso tudo é muito bom, porque mostra o acerto da política econômica, surfando num bom momento da economia mundial. Mas o melhor mesmo para o governo foi o aumento da arrecadação, de 9,1%, um novo recorde. Todos os impostos arrecadaram mais: o IPI subiu 14,1%, o ICMS cresceu 8,5% e o ISS e Cofins, 7,8%. Mas o maior salto foi

o do imposto de importação, da ordem de 23,6%.

É claro que isso tem a ver com a atual situação do câmbio: as exportações aumentaram 6,6% e as importações de bens e consumos cresceram 20,7%.

É preciso pensar um pouco nisso. É claro que, com o crescimento da massa salarial e do crédito para consumo das famílias, aumenta a demanda interna e, se os investimentos produtivos não forem suficientes para atendê-la, as importações são essenciais para impedir um desequilíbrio que gere inflação. Até aí, tudo bem. Mas não podemos imaginar que isso se prolongue no tempo, sob pena de perdermos empregos no País para criá-los lá fora.

Tal fato nos leva à observação dos demais setores responsáveis pelo surpreendente salto do PIB. A construção civil cresceu 5,1%. A indústria expandiu-se em 4,9%, e o setor de serviços, 4,7%. E a agropecuária? Mais uma vez, deu sua importante contribuição, de 5,3%. Mais uma vez, os produtores rurais, mesmo saindo da maior crise dos últimos 40 anos em 2004/2006, mesmo com um endividamento explosivo, mesmo com um câmbio que lhes tira a chance de aproveitar o excelente momento de bons preços das *commodities* agrícolas, mesmo com uma logística que lhes poda a competitividade, mesmo com juros e impostos elevados, apesar de tudo isso, fizeram, com esforço, seu PIB crescer 5,3%.

Com isso, atendeu-se à expansão da demanda interna sem necessidade de importações volumosas: o setor exportou 58,4 bilhões de dólares e importou menos de 9 bi, com um saldo de 49,7 bi, maior do que o saldo total do País, que foi de 40 bilhões.

Dessa forma, o agronegócio ajudou a puxar o PIB para cima, garantindo o abastecimento interno, e ainda salvou o saldo comercial. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Carnes: um tiro no pé



Cesário Ramalho da Silva*

O BRASIL tem de manter o canal de negociações aberto com a União Europeia para reconquistar a credibilidade deles na carne bovina brasileira. Temos de esgotar todas as possibilidades de diálogo, e não partir para a retaliação ou o confronto. Não podemos abdicar do mercado europeu.

Decisões da UE, de caráter protecionista, sem base técnica, têm de ser questionadas. São cerca de 12 milhões de produtores europeus que pressionam a cúpula do bloco a criar dificuldades ao produto brasileiro. Não querem competir com a nossa carne, que tem qualidade, é abundante, e seu preço é mais baixo.

A UE é o maior cliente do agronegócio brasileiro. Em 2007, foi responsável por 35,8% das nossas exportações, o equivalente a US\$ 20,8 bilhões. Das exportações brasileiras de carne bovina em 2007, 31% foram para Europa. Dos US\$ 3,5 bilhões obtidos com a venda de carne bovina *in natura* no ano passado, US\$ 1 bilhão veio do Velho Mundo. Foram exportadas 195 mil toneladas do produto para o bloco europeu.

Em 2016, o Brasil continuará sendo o maior exportador mundial de carnes (2,85 milhões de toneladas), estima o estudo Projeções do Agronegócio Mundial e do Brasil, de 2006/07 a 2017/18 do Ministério da Agricultura. Portanto, a cada dia que passa, precisamos mais do mercado europeu.

A UE paga melhor que outros compradores para os quais vendemos hoje. Em média,